

## Texto 1

### *O que é linguagem inclusiva e linguagem neutra?*

A linguagem inclusiva ou não sexista é aquela que busca **comunicar sem excluir ou invisibilizar nenhum grupo e sem alterar o idioma como o conhecemos**. Essa linguagem propõe que as pessoas se expressem de forma que ninguém se sinta excluído, utilizando, para isso, palavras que já existem na língua. Um exemplo é algo que escutamos bastante hoje em dia de pessoas que começam seus discursos ou apresentações dizendo “Boa noite a todos e todas”. O objetivo aí é abranger tanto homens como mulheres na conversa.

A linguagem neutra ou não binária, embora tenha o mesmo propósito de incluir todas as pessoas, apresenta propostas para **alterar o idioma e aqui entram, por exemplo, as novas grafias de palavras** como as que mencionamos no início deste texto: *amigxs, tod@s, todes*. Os maiores defensores dessas mudanças são ativistas do movimento feminista e LGBTQIA+, que veem na nossa língua uma ferramenta a mais para perpetuar desigualdades.

<https://www.politize.com.br/linguagem-inclusiva-e-linguagem-neutra-entenda/>. Publicado em 9 de março de 2021. Adaptado.

## Texto 2

### *A língua sob pressão*

A linguagem neutra está no centro de um debate político que promete ainda gerar muita polêmica e discussões acaloradas. Enquanto se desenvolve como uma demanda de pessoas que não se identificam com os gêneros masculino e feminino e é defendida com ardor por membros da comunidade LGBTQIA+, a proposta vem sendo atacada por grupos conservadores e descartada por gramáticos. Em 15 estados e no Distrito Federal, deputados bolsonaristas se articulam para proibir o uso da linguagem neutra nas escolas públicas e privadas. Em Santa Catarina, um decreto do governador Carlos Moisés (PSL) já impede que seja adotada. Os opositores da mudança alegam que precisa ser garantido aos estudantes o direito ao aprendizado da língua portuguesa conforme a norma culta e as orientações legais de ensino definidas com base nas orientações nacionais de educação e pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), consolidado pela Academia Brasileira de Letras (ABL). O deputado Cabo Junio Amaral (PSL-MG) acusa as palavras sem gênero de “aberração

linguística”.

*O que está em discussão é a criação de vocábulos que não sejam masculinos ou femininos e que sejam usados para se referir a gays e lésbicas, por exemplo. Para isso já se propôs que o “a” e “o” fossem substituídos nos pronomes, substantivos e adjetivos neutros por “x” ou “@”, permitindo que, além de “ele” ou “ela”, houvesse um pronome pessoal “elx” ou “el@”. Outra ideia é que se utilize o “e” em pronomes indefinidos como “todos” ou “todas”, que ganhariam uma terceira forma, “todes”.*

*A ABL (Academia Brasileira de Letras), porém, que cuida da parte normativa, não tem a mesma visão, simplesmente porque a estrutura do português não suporta um gênero neutro, que existia no latim e persiste no alemão, mas desapareceu nas línguas neolatinas. “A gramática é como um edifício, você mexe na parte externa, que é a pintura, que são as palavras, mas não na estrutura, na parte interna”, afirma o filólogo Evanildo Bechara.*

*A imediata inviabilidade gramatical não impede que grupos engajados desenvolvam seus símbolos e que a linguagem neutra vá encontrando seus próprios caminhos discursivos. Apesar de contrariar as normas, ela está associada a um debate importante sobre cidadania, inclusão e diversidade. Mesmo que não seja adotada de maneira generalizada, ela pode ser utilizada pragmaticamente e aos poucos por grupos em defesa de sua identidade.*

Vicente Vilardaga, 30/07/21. Publicado no site: <https://istoe.com.br/a-lingua-sob-pressao/>. Adaptado.

### **Texto 3**

#### ***França proíbe linguagem de gênero neutro em escolas***

*Segundo o Ministério da Educação, a medida atrapalha o aprendizado dos alunos e prejudica as pessoas com deficiência mental*

*A França proibiu a linguagem de gênero neutro em escolas do país. Segundo comunicado emitido em 6 de maio pelo Ministério da Educação, a escrita inclusiva não é apenas contraproducente ao movimento que visa a combater eventuais discriminações sexistas, mas também prejudicial à prática e à inteligibilidade da língua francesa.*

*“Ao defenderem a reforma imediata e abrangente da grafia, os promotores da escrita inclusiva violam os ritmos do desenvolvimento da linguagem de acordo com uma injunção brutal, arbitrária e descoordenada, que ignora a ecologia do verbo”, asseveram Hélène d’Encausse, secretária da Academia Francesa, e Marc Lambron, diretor da Academia Francesa.*

*De acordo com o documento, a igualdade entre homens e mulheres deve ser construída, promovida e*

garantida pelo país, mas sem sujeição à linguagem neutra. “Essas armadilhas artificiais são inoportunas e atrapalham os esforços dos alunos com deficiência mental admitidos no âmbito do serviço público”, conclui o comunicado.

Edilson Salgueiro, 14/05/2021. Publicado no site:  
<https://revistaoeste.com/mundo/franca-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-escolas/>.

#### **Texto 4**

##### ***Aula***

*A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva: ordo quer dizer, ao mesmo tempo, repartição e cominação.*

*Jákobson mostrou que um idioma se define menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga a dizer. Em nossa Língua francesa (e esses são exemplos grosseiros), vejo-me adstrito a colocar-me primeiramente como sujeito, antes de enunciar a ação que, desde então, será apenas meu atributo: o que faço não é mais do que a consequência e a consecução do que sou; da mesma maneira, sou obrigado a escolher sempre entre o masculino e o feminino, o neutro e o complexo me são proibidos; do mesmo modo, ainda, sou obrigado a marcar minha relação com o outro recorrendo quer ao tu, quer ao vous; o suspense afetivo ou social me é recusado. Assim, por sua própria estrutura, a língua implica uma relação fatal de alienação. Falar, e com maior razão discorrer, não é comunicar, como se repete com demasiada frequência, é sujeitar: toda língua é uma reição generalizada.*

*Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.*

Roland Barthes. Adaptado.

#### **Texto 5**

*É difícil para uma mulher definir seus sentimentos numa linguagem que é feita principalmente pelos homens, para expressar os deles.*

Thomas Hardy.

O crescente emprego, em nosso meio, da "linguagem inclusiva" e da "linguagem neutra" tem gerado controvérsia não só nos meios acadêmicos mas também nas esferas política, institucional, religiosa e em outras. Com base nos textos aqui apresentados, bem como em outras informações que considere relevantes, redija uma

dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **O emprego tanto da "linguagem inclusiva" quanto da "linguagem neutra" se justifica?**

(O texto deverá conter, no mínimo, 200 e, no máximo, 450 palavras digitadas.)

### **Comentários à Redação**

A Banca Examinadora perguntou: *O emprego tanto da "linguagem inclusiva" quanto da "linguagem neutra" se justifica?* Para auxiliar a produção do candidato, ofereceram-se cinco textos. O primeiro faz a distinção entre os dois tipos de linguagem, sendo a inclusiva “aquela que busca comunicar sem excluir ou invisibilizar nenhum grupo e sem alterar o idioma”, enquanto a neutra, embora também seja inclusiva, “apresenta propostas para alterar o idioma, com novas grafias de palavras”. O segundo texto traz um embate entre os defensores da linguagem neutra, entre os quais representantes do movimento LGBTQIA+, que lutam por inclusão e diversidade como formas de assegurar o exercício da cidadania, e autoridades conservadoras que, respaldadas pelos gramáticos mais renomados do País, destacam a inviabilidade de alterar a estrutura da língua portuguesa, que “não suporta um gênero neutro”. O terceiro texto traz uma notícia sobre a proibição, por parte do Ministério da Educação da França, da linguagem de gênero neutro nas escolas, alegando ser prejudicial à inteligibilidade da língua francesa, afetando sobretudo estudantes com deficiência mental. O quarto texto denuncia a opressão da língua, classificada como fascista, uma vez que obriga o sujeito a expressar-se de maneira a não contemplar a complexidade do neutro, tampouco o afeto, limitando-o à escolha entre masculino e feminino. O último texto destaca a dificuldade encontrada pelas mulheres de expressar seus sentimentos numa linguagem eminentemente baseada nas sensações masculinas.

A leitura atenta dos textos apresentados deve ter sido suficiente para permitir que o candidato definisse o próprio ponto de vista acerca do assunto. Se enxergasse a causa dos defensores de ambas as linguagens como legítima, caberia enfatizar a necessidade de se aprofundar o debate sobre identidade, ainda que à custa de alterar a norma culta da língua para introduzir formas alternativas às tradicionais, pavimentando dessa forma um caminho para a inclusão nas mais diferentes esferas da sociedade, a começar pela escolar.

Caso, porém, considerasse injustificável o emprego tanto da linguagem neutra quanto da inclusiva, o candidato deveria reiterar a tese da “inviabilidade

gramatical”, que não contempla, em sua estrutura, a neutralidade de gênero, além do que, sendo modificada, poderia sonegar aos estudantes, em particular deficientes visuais e auditivos, o direito ao aprendizado da língua portuguesa, cujas orientações estão registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), devidamente consolidado pela Academia Brasileira de Letras.